

**CHAFARIZ DO RIACHUELO, DO BOIOTA E DAS
LAVADEIRAS**

VIII



VIII

Por falta d'água, em virtude da sêca, na cidade do Rio de Janeiro, determinou o decreto de 9 de Agosto de 1817 que fossem protegidos de madeira, lenhos e matos, todos os terrenos do alto da serra que estavam em roda das nascentes do aqueduto da Carioca e ao longo do mesmo até ao morro de Santa Tereza, no espaço de três braças.

Estavam os habitantes da cidade sem água para o seu uso o que se tornou caso de calamidade pública.

Mas o ilustre desembargador Paulo Fernandes Vianna, intendente geral da polícia, natural desta capital, tratou de sanar o mal, captando novos mananciais.

Havia diversos filetes e verdadeiras nascentes nos morros de Mata-Cavalos, Destêrro e Santa Teresa, mas não podiam ser aproveitados por se acharem no interior de chácaras particulares.

O chafariz do Riachuelo

Na "Abrevinda demonstrativa dos trabalhos da polícia, em todo o tempo que a serviu o desembargador do Paço, Paulo Fernandes Vianna, de 1808 e 1821, lê-se: Por iniciativa do intendente geral da polícia, consegui a doação do terreno junto ao muro da grande chácara do tenente-coronel Claudio José Pereira da Silva, onde eregi um chafariz apro-

veitando as águas das nascentes do morro por quatro bicas, conduzindo-as desde sua nascente em canos cobertos, obra forte e bem acabada que prestou muita comodidade aos moradores daquele bairro.”

Este chafariz foi feito, à custa da policia, na antiga rua Mata-Cavalos, hoje Riachuelo, para abastecer os habitantes das proximidades e, para memória de tanto beneficio, se gravou na pedra a seguinte inscrição:

O Rey
Por bem
do
Seu povo
M. F. E. O.
Pela policia
1817

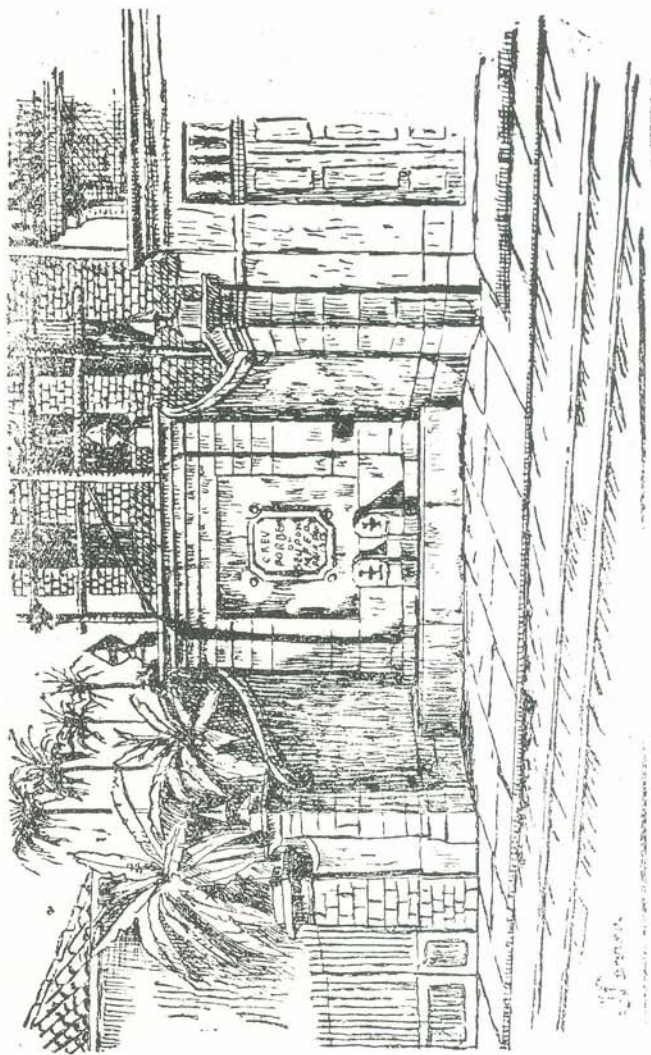
Conhecido pela denominação de chafariz do Riachuelo, feito de alvenaria e cantaria, achava-se encostado a um muro, do lado ímpar próximo à rua Silva Manoel. A sua projeção horizontal era de um trapézio, cuja base estava no alinhamento da rua e a vertical, composta de duas colunas, colocadas uma de cada lado, no alinhamento, suportando um elemento arquitetônico em forma de pirâmide quadrangular, tendo por base um corpo cilíndrico. Destas colunas, partia um muro que se ligava ao corpo central, numa suave curva e rematando as partes superiores, volutas.

O corpo central era composto de duas pilastras laterais ligadas pela simples moldura dos seus capitéis, que corriam em toda a extensão do corpo.

Pousava em cada capitel, um vaso de forma de taça terminando em cone, lembrando uma taça de sorvete.

Ao centro, na parede de alvenaria, estava um quadrado de pedra, tendo ao meio a lápide com a inscrição já citada. Na parte inferior, um tanque que corria de um ao outro lado dividido em três compartimentos; no do centro, saíam dois corpos prismáticos, terminados com ornatos e separados por um outro prisma menor; os maiores tinham, cada um, uma bica de bronze, que Paulo Fernandes Vianna diz terem sido quatro; assim era o antigo chafariz.

Mas, certa vez, um capitalista resolveu edificar uma casa assobradada, por trás do aludido chafariz, o que fez, como prova o desenho da antiga fonte; mas quando pretendeu de-



O antigo chafariz da rua do Riachuelo

molí-lo, para o seu bem pessoal, visto estar enclausurado em seu terreno, foi o diabo, teve que conversar com a Justiça, que denegou o pedido de demolição por ser um monumento público doado à polícia, que por sua vez o doou à cidade.

Muitos anos durou a questão, mas por fim quem sofreu a demolição foi o prédio, porque o chafariz e o respectivo terreno eram inalienáveis, saindo vencedor o esquecido monumento feito por um carioca.

Anos passaram e, em 1923, qual não foi a minha surpresa ao passar pela rua do Riachuelo n. 187!

Não existia mais o meu velho conhecido do tempo de estudante e sim um novo, todo de pedra, com mais duas colunas laterais formando com as do chafariz entrada para uma garage colonial!

Parece incrível! Transformar um monumento histórico em portão de garage, só mesmo no Brasil, porque em qualquer cidade do mundo não se encontra caso semelhante. Os donos da garage tiveram sua recompensa: faliram, e os novos colocaram sobre os vasos laterais dos portões, lâmpadas brancas em forma de queijo-prato, com a palavra "Standard".

No todo arquitetônico, melhoraram as linhas, as proporções; mas nos prismas das bicas, puseram uns ornatos em forma de espiral, dando esta a impressão de cabeça de coruja; não é pilnéria, é só ir visitá-lo. O tanque virou jardineira; poderia ser pior e tornar-se depósito de gasolina. E assim está a obra de Paulo Fernandes Vianna, filho desta terra, para a qual muito trabalhou e foi esquecido dos homens.

A fonte do boiota

Na barreira do morro de Santo Antonio, na encosta do Rocio, hoje praça Tiradentes, havia um olho d'água, que, com as escavações, surgiu ao público. Fez-se nessa época um muro alto, que ficou coberto com telhas.

Aí se edificaram casas com o desmante do morro, e no funda das mesmas, se conservou a referida fonte (rua Silva Jardim), antiga travessa da Barreira, mas aperfeiçoado por nova obra, e que repartia a água ao público por três bicas; assim dá notícia a "Gazeta do Rio", n. 78, do ano de 1817.

Hoje, só existe dessa pequena fonte à rua Silva Jardim, de pedra, tendo ao centro uma cabeça de leão, de metal, que servia de bica, e mais abaixo outras duas bicas, o corpo junto à parede dos fundos do teatro São José, pois o tanque e de-

graus desapareceram. Iguais bicas estavam junto ao muro do Passeio Público e, hoje, junto ao Convento de N. S. da Lapa do Destêrro. E uma pequena bica, que jorra água pela guela de um leão de metal, enrustada em uma pedra em forma circular e que se liga por duas retas ao tanque todo de pedra.

Outra bica há nos fundos da Escola Politécnica, mas a água aparece do meio de dois círculos concêntricos, sobre a bacia, cujas pedras são ligadas por bronzes, situada junto ao meio fio. Estas bicas são bem desta época, como o provam velhos documentos.

O chafariz das Lavadeiras

Como aconteceu com os mananciais do Carioca, também foram atingidos um ano depois os dos Rios Comprido e Maracanã.

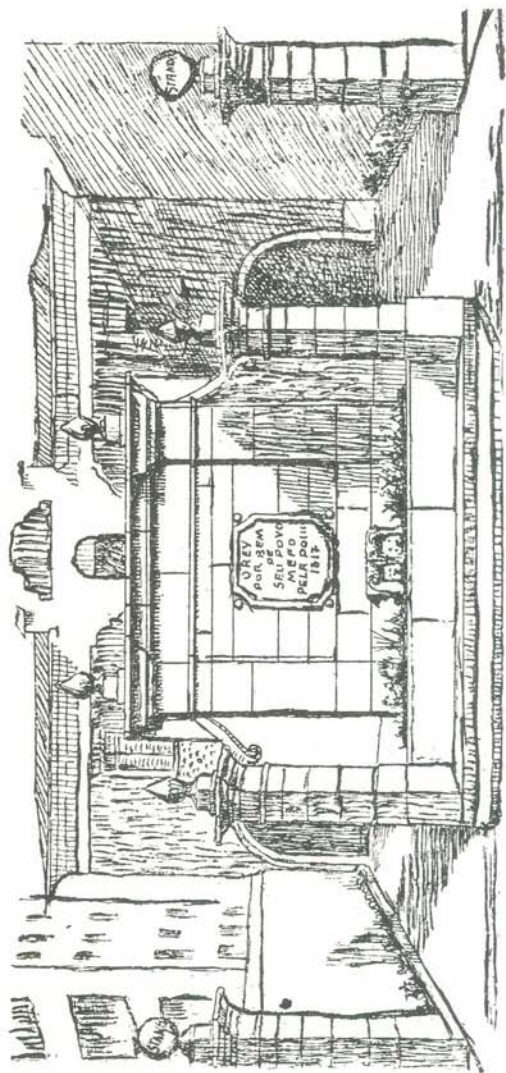
O decreto de 17 de Agosto de 1818 mandava proteger o terreno das nascentes do Rio Comprido, Trapicheiro, Meirrelles, do São João e Maracanã.

Sendo escassas as águas devido às secas e quando havia enxurradas vinham com impurezas trazendo prejuízo à saúde do povo, resolveu s. majestade que se efetuasse a condução das águas do Rio Andaraí ou Maracanã para o Campo de Santana, como já havia pensado o conde de Rezende, em benefício da Cidade Nova e sua redondeza, Gambôa, Valongo, lugares longe do chafariz da Carioca, segundo Pizarro.

Mas a idéia pertence a Tiradentes, que passou por maluco, por esse fato...

Os habitantes destas paragens se proviam com grande custo das águas conduzidas por canôas do sítio de São Cristovão.

Creada a Intendência Geral da Polícia em 5 de Abril de 1808, foi nomeado o desembargador P. Fernandes Vianna, que deixou o cargo em 1821. Diz êle em seu relatório: "Dispuz uma bica d'água no portão da Chácara, em que esteve a fábrica das Chitas donde o povo se provia, fui procurar trazer desde a serra água em obra durável e de muito boa qualidade, para pôr um chafariz no largo das Lavadeiras, tendo chegado



L. Correa

O actual chafariz da rua do Riachuelo

o encanamento já perto do local, onde se há de erguer o chafariz, tudo bem feito e com desvios e escoamentos das enchentes e nesta parte estava quando larguei o emprêgo e a obra deve continuar para se não perder o que está feito e com tanto custo conseguir-se perfeitamente o benefício público, que se procurava fazer."

Tendo o conselheiro Paulo Fernandes Vianna encaminhado aquelas águas pelas costas dos morros desde sua origem, por canos de madeira, até ao Campo da Honra, depois Campo de Santana, aí principiaram a jorrar em 24 de junho de 1818 por vinte e duas bicas. ("Gazeta do Rio" n. 51 de Junho de 1818).

Assim, concluídas as obras do encanamento provisório, depois de longos trabalhos, foi entregue ao povo o chafariz, que, em 1836, fornecia água a duas mil lavadeiras, mas as obras definitivas foram além, pois, em 1837, não estavam ainda concluídas, faltavam 3.078 braças de aqueduto de alvenaria e telhões de barro, e só 200 braças estavam prontas.

A inauguração foi feita pelo rei e toda a corte, e com toda pompa.

O Chafariz das Lavadeiras ou do Campo da Honra foi totalmente concertado, limpo e pintado, em 1839; a vala que dava esgôto as suas águas foi desobstruída, levantando-se para isso grandes lages que se colocaram outra vez em seus lugares." (Rel. de 1840).

Arruinado em 1873, depois de 55 anos de bons serviços, foi demolido por estar inutilizado e ser horrenda a sua fisionômica arquitetônica.

Algumas pedras foram aproveitadas para a base dos gradis de E. Rivadavia Corrêa, segundo o professor Adalberto Mattos, mas retiradas na administração do Prefeito Pedro Ernesto.

O chafariz das Lavadeiras tinha o aspecto de um gazômetro, formando o seu todo quatro corpos:

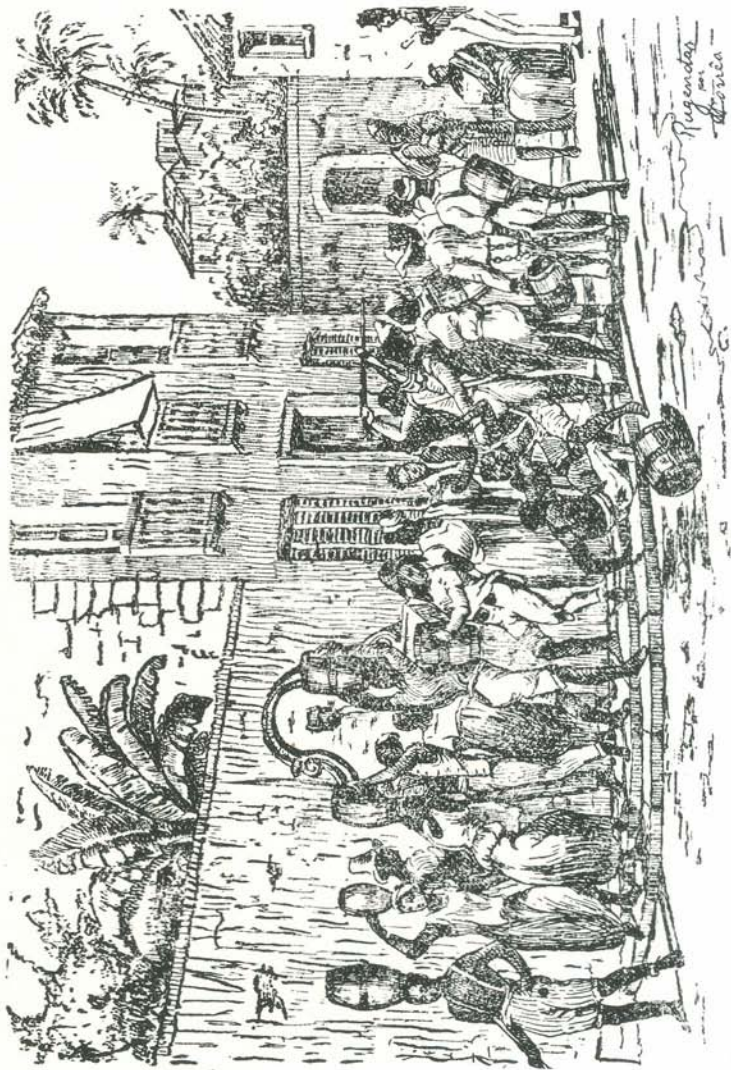
O primeiro, formado de uma escadaria de cinco degraus, em forma de círculos concêntricos dando acesso ao tanque; o segundo de forma cilíndrica de um metro e vinte de alto e, sobre esse segundo corpo, um cilindro, tendo a metade do diâmetro do tanque de altura, e a largura menor um pouco que a altura, com vinte e duas bicas na sua periferia, que projetavam o líquido sobre o tanque, e arrematava na parte superior

por uma cornija; sôbre êste terceiro corpo surgia outro, cilíndrico, menor, cuja parte superior tinha uma saliência de pouco balanço, servindo de cobertura e sob ela jorrava água como chuveiro sôbre o outro inferior.

Na praça, erguiam-se oito colunas rodeando o chafariz, colocadas duas a duas, nos quatro ângulos; cada uma, com o seu lampeão, duas grandes pias sempre cheias de lavadeiras e soldados: fóra das colunas, havia ainda outras duas pias menores, para os animais.

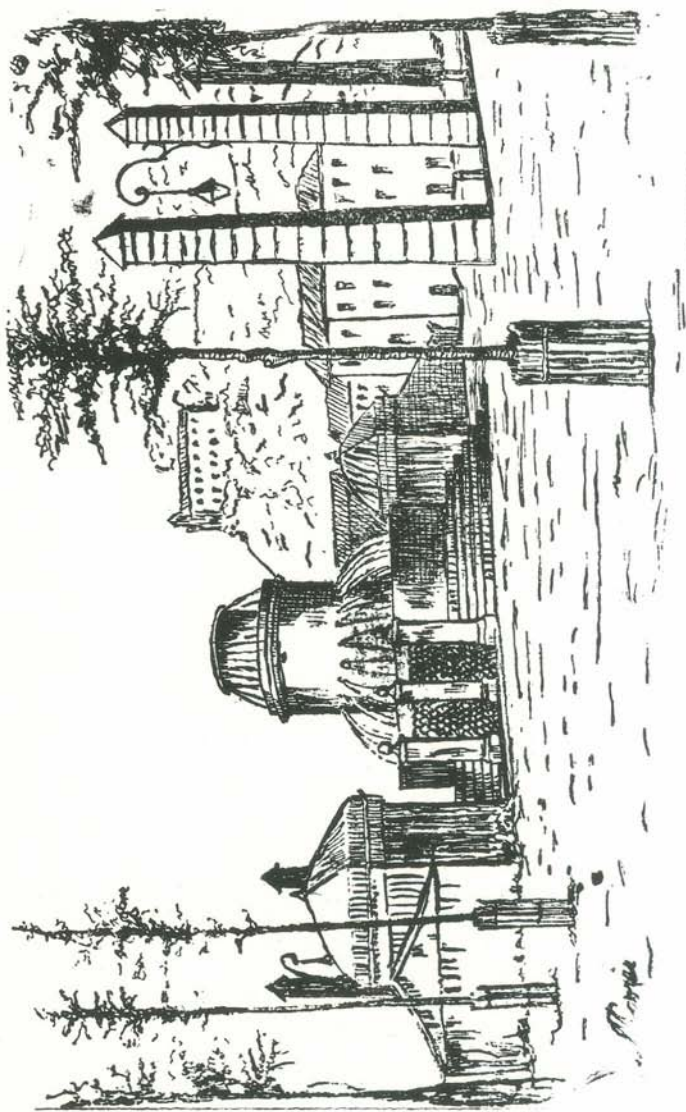
Nas noites de calor, os estudantes transformavam o tanque do chafariz em piscina. Frequentemente, nas noites de luar iam êles cobertos de lençois, para o apetitoso banho; mas o povo apavorou-se com os tais fantasmas, o que obrigou os urbanos a lhes darem caça. Daí acabaram-se os fantasmas e os banhos...





O chafariz da travessa da Barreira — "Os aguadeiros"

Regenda
para
a
Barreira



Chafariz das Lavadeiras (Campo de Santana)